

Paixões e Singularidades

Prólogo: nem poder nem glória

1. Num texto do período em que não tinha já forças para aguentar a sua loucura, (o seu período radicalmente anti-literário) Nietzsche perguntou-se Porque escrevo tão bons livros? Não é indiferente o momento da sua vida em que Nietzsche se coloca esta questão; na realidade, é precisamente quando o seu sentido de realidade se começa a esbater que ele se torna mais sensível à natureza íntima desta questão. Porque se trata de uma questão e de uma questão totalmente distinta da trivial interrogação acerca da qualidade de uma obra. Não deixa de ser espantoso que o problema da qualidade da obra possa ter-se tornado numa mera questão crítica ou mesmo epistemológica, só sendo compreensível em função da progressiva desvalorização da escrita e da palavra, isto é, dos sentimentos, e da correlativa valorização dos meta-discursos e da sua função comercial e autofagicamente pedagógica. A questão da qualidade de uma obra só pode ser uma questão metafísica e nunca epistemológica, porque, na realidade, a questão discutida pela epistemologia, nomeadamente a da literatura, é a da adequação de uma obra a um paradigma, enunciado ou não, consciente ou não e a uma necessidade social (e psicológica) de discursos, seja na ordem da sua constituição, seja na do seu consumo. A obra de Nietzsche é, evidentemente, em toda a sua extensão, a negação deste esquema e a sua questão a negação absoluta do problema epistemológico.

A questão de Nietzsche, aquilo que ele procura encontrar como resposta à sua questão, não é um atributo, não é uma ordem categorial, mas uma força, um destino, uma necessidade. Tal é a única forma efectiva de interrogar os textos e os acontecimentos, de os avaliar, de saber da sua legitimidade e da dos mundos a que dão origem. É uma questão metafísica, na medida em que só pode emergir do interior de uma cosmologia específica, propositora de uma ontologia que não é compatível com as que se autoconstituem a partir de uma qualquer tomada de consciência epistemológica.

2. A questão levantada por Nietzsche tem pouco a ver com as páginas que constituem o presente livro, excepto, precisamente, naquele ponto em que se ligam a um indesmentível e indisfarçável quadro de impossibilidade. Impossibilidade porque a

questão é, obviamente, irrespondível; porque ela mesma não se coloca sob a forma de questão, mas tão simplesmente, de uma questionação retórica que sustenta, na sua profundidade, um irreprimível sentimento de plenitude. Esta plenitude é a autêntica teoria nietzschiana da verdade, a única que não pode recair sob as críticas que gerações de professores e de filósofos têm construído mais ou menos pacientemente; a única que, ao mesmo tempo, não pode ser objecto de uma sistematização admirativa, que não pode constituir a base para nenhuma doutrina. Nietzsche coloca-se, nesta fase da sua vida, e, em particular, nesta questionação, perante um espaço que não pode ser preenchido, que não pode ser justificado, que não pode sequer, originar um cómodo sentimento de felicidade, no sentido em que a felicidade é sempre, ou quase sempre, auto-complacente. Nesta interrogação, Nietzsche coloca-se perante si mesmo, sem imagem nem receio, sem medida. E coloca-se perante si mesmo por meio do outro, do único outro que não falhou, que não foi nunca imagem. O outro que não foi, como Lou, por exemplo, uma forma de reconhecer a verdade no seio da vida, ou a profundidade, na mais absoluta e clara planície. Os seus livros foram o seu único outro, o único tu que Nietzsche possuiu ao longo da sua vida. E por isso, na sua loucura, eles acompanharam-no, tornados loucos como ele, feitos realmente vida, precisamente no momento em que a vida se afastava ou que ele se afastava da vida. Ou, quem sabe, mais dela se aproximava.

Foucault, talvez o único verdadeiro nietzschiano da história, falava dos “poderes do impossível”¹; formulava, sob essa expressão, talvez estranha, a verdadeira, a única questão que ao pensamento pode interessar. A questão do impossível é pensamento puro, pensamento vivo, e por isso, vida sem a menor possibilidade de desvio para o pensado, para o sentido, para o representado. É o verdadeiro caminho no deserto, onde a própria água que existe no reservatório que o caminhante transporta consigo, é ainda água que falta. E que continuará a faltar até que o caminhante possa, como Nietzsche, perguntar-se: “como pode haver tanta água?”.

3. Este livro estabelece uma conexão impossível: a conexão entre a paixão e a ética. Entre uma e outra não poderemos dizer, como Heidegger em relação à filosofia e à poesia, que vivem juntas nos montes mais separados. Na realidade, paixão e ética não vivem juntas nem separadas, não ocupam lugares próximos nem distantes, não se conjugam sob nenhuma forma nem se afastam segundo nenhum critério. Paixão e ética

¹ *Dits et Écrits*, I, p. 297.

ou simplesmente não existem uma para a outra (não existindo, então, nenhuma delas) ou coincidem integralmente numa metafísica do impossível.

As páginas que se seguem não são, portanto, filosofia. A filosofia é, certamente hoje (pelo menos hoje) o lugar mais improvável do pensar. O próprio pensar é o lugar mais improvável para o pensamento. Actividade que se revela, ela mesma, cada vez mais improvável e mais impossível. Da opção entre o improvável e o impossível, nasce, no entanto, por efeito da paixão, a tentativa – que só não é trágica porque a tragédia é ainda uma representação plena de possível – de pensar aquilo que, precisamente, nem se dá nem se esconde, nem se apresenta, nem se representa; simplesmente suspeitado numa emoção que as palavras não podem dizer, um pouco como S. Tomás quando observava que “tudo o que escrevi me parece palha em comparação com o que vi e me foi revelado”, com a diferença que, aqui, se trata de exprimir algo que não foi visto nem foi revelado. Pelo menos sob a forma que o terá sido a S. Tomás.

4. E todavia, não é possível falar do impossível desde o nada. O tempo deste livro é o absoluto do não tempo. Nascido num tempo de sombras e terminado num tempo em que as sombras sublinham a lamentável precariedade deste mundo, mas anunciam também o inevitável, ele representa, num certo sentido, a antecipação de tudo aquilo de que nele se trata. Pode, assim, considerar-se que se nega a si mesmo, na medida em que talvez nasça de imagens. Mas pode também pensar-se que as coisas realmente importantes da vida aparecem no coração de alguém muito antes de, de facto, surgirem aos seus olhos. Este livro representa, assim, a antecipação da paixão, a vivência da paixão bem como o medo do sujeito não ter forças suficientes que lhe permitam ignorar a Lei e viver (até à morte) fora dela, plenamente, sem referência a nenhuma lei. Mas representa, ao mesmo tempo, e sobretudo, a vontade infinita de lutar, a consciência da imperatividade absoluta dessa luta. É, portanto, um livro-luta. Livro-paixão onde o que realmente conta não é a análise, nem a conclusão, mas a vivência de cada página, de cada palavra e de cada emoção. Não é de uma representação do mundo que se trata, nem, tão pouco, da tentativa de uma nova criação do mundo. Livro, certamente, autobiográfico, onde a autobiografia se torna impossível.

Ao mesmo tempo, manifesta-se aqui uma reflexão de muitos anos sobre o filosófico no seu modo efectivo de apresentação ao pensamento e sobre o mais eminentemente vivido; o filosófico enquanto modo de pensar e de pensar o pensar; a responsabilidade como modo de sentir a liberdade e a paixão como forma de ligar o não

ligável, de pensar o que não se dá a pensar, de viver o que, sistematicamente, se apresenta como o impossível da vida, eis a matéria, seguramente absurda, de que são feitas estas páginas.

5. Este livro tem uma história. Tudo o que existe tem uma história, porque só pela história alguma coisa existe. Mas a história deste livro é parte intrínseca dele mesmo; daí que, independentemente do que se possa vir a considerar o seu “valor” – coisa, aqui, absolutamente insignificante – ele existe sem a menor possibilidade de dúvida. Iniciado há vários anos atrás, esteve parado, por razões diversas, durante muito tempo. Projecto nunca abandonado, simplesmente suspenso à espera de alguma coisa que nunca soube o que fosse, mas que de certo modo, era necessário para que o trabalho de escrita se concretizasse. Creio hoje que era necessário, sobretudo, abdicar. Abdicar de muitas convicções, de muitas certezas, de um mundo em que, durante demasiado tempo acreditei. Este livro é a história da extinção de uma paixão: a da filosofia, e do nascimento de outra: a da filosofia. Compreendê-lo implicará, talvez, também alguma dose de abdição. Tal como implica a inequívoca consciência de que é ele o livro, que me competirá escrever até ao fim da vida. Por isso é ele, na sua presente forma, precário, incompleto e provisório.

6. Este texto é um diálogo, de ideias, de paixões e, porque não, de almas se é da alma que sempre emerge o pensamento que não se contenta com a verdade, mas que busca, para além dela, os lugares onde o sentido se torna possível, isto é, reconhece o impossível e é isso apenas o que importa. Um diálogo com tudo aquilo que, ao longo da vida, vivi como paixão, ainda que, certamente, o não tenha verdadeiramente sido. Diálogo fragmentário, a-sistemático, através do qual tento dar conta da minha questão. Mas como falar de um plural de outra forma? Sem nos tornarmos, provisoriamente, também nós plurais, sujeito de uma enunciação sem princípio nem fim, sem ordem de argumentos distinta da ordem dos objectos que, assim, se vão apresentando, candidatos, é certo, a uma verdade, mas logo ultrapassados ou afastados por outros objectos e por outras imagens?

O que nasce é corpo. Estas linhas são traços físicos, elementos funcionais, faltas e defeitos. Mas, virtual como todos os corpos, violento, escorregadio e condenado à morte, exactamente como todos os corpos².

Enquanto corpo, o texto possui uma mãe e um pai. É uma espécie de filho rebelde que demorará um certo tempo ainda a reconhecer os seus progenitores. O tempo desse reconhecimento é, exactamente o tempo da espera, o tempo em que os efeitos do texto são, ainda, irreconhecíveis. Eis o risco da escrita, o risco do pensamento, o risco da afirmação. Mas também a emoção de aprender a olhar quando se pensa ter já visto tudo, ter já pensado tudo, ter já encontrado tudo. O risco e a emoção de pensar é, acima de tudo, a ruptura (ou a tentativa de) com aquela espécie de hermafroditismo que marca, insensivelmente, todo o pensamento que se imagina aproximação do essencial. Este livro é o filho impossível de um encontro real.

7. **Nem poder nem glória** poderia ser a fórmula adequada à enunciação do impossível da paixão e do seu mundo, isto é, do seu sujeito, definitivamente afastado do reconhecimento. Como escreve Simone Weil, “Há apenas um erro: não ter a capacidade de se alimentar de luz”³.

8. O presente livro, ainda que breve, divide-se em duas partes; na primeira, intitulada *Paixões e Singularidades*, efectua-se um percurso sintético e sintomático do que, numa estrutura clássica, seria chamado o tema; na segunda, intitulada *Digressões*, reúnem-se algumas reflexões sobre matérias específicas. Esta disposição, que resulta do modo como as questões foram sendo abordadas ao longo do tempo, corresponde também a uma tentativa de escapar à substancialização das posições: pluralizando as perspectivas, talvez nos afastemos da facilidade da apreensão, mas procuramos aproximar-nos da compreensão.

9. Gostaria, no momento de publicação deste livro, de agradecer a todos aqueles que, de uma ou outra forma, contribuíram para que ele fosse possível. Aos amigos mais próximos, que não é preciso nomear porque se trata de algo que só a eles diz respeito e cada um deles se reconhecerá neste plural, e um agradecimento muito especial ao

²A idade agudiza em nós o sentido crítico. Mas um sentido crítico absolutamente peculiar: é o pormenor que se torna importante, é a alma das coisas que assume o lugar determinante. Talvez a velhice (ou mesmo já o caminho para ela) seja a verdadeira idade da paixão.

³A *Gravidade e a Graça*, p. 3.

Oswaldo e genericamente a toda a equipa da Angelus, onde encontrei não apenas um porto de abrigo editorial, como sobretudo uma inteligente compreensão capaz de abalar um espírito profundamente céptico em relação às coisas da cultura, como é o meu caso.